



16 a 19 de novembro 2011  
Juazeiro - BA

## **RELATOS DA PRODUÇÃO DO VÍDEODOCUMENTÁRIO O SAMBA: NA ILHA, DA ILHA**

*Naiara Soares<sup>1</sup>*

*Quercia Oliveira<sup>2</sup>*

### *CONSTRUINDO O OBJETO DE PESQUISA*

No vídeo-documentário *O Samba: na Ilha, da Ilha*, as cores, ritmos e movimentos do Samba e do Samba de Véio, manifestações da comunidade da Ilha do Massangano, Petrolina-PE, estão capturadas pelas lentes e sensibilidades de Naiara Soares e Quercia Oliveira.

Os depoimentos, conversas e entrevistas contam um pouco das histórias e memórias dos moradores da Ilha, participantes e produtores do Samba, dentro e fora da Ilha. São eles, nossos objeto/sujeitos de pesquisa, que nos conduzem pelo sambar, cantar e tocar das tradições deste povo.

Um objeto de pesquisa, contudo, seja ele um fato, um grupo de pessoas ou mesmo uma matéria de jornal, não está já posto na realidade, precisa de cortes, enquadramentos e perspectivas. Em outras palavras, o objeto de pesquisa precisa ser construído, a partir de uma área temática, teórica e metodológica.

Desta forma, começou-se a circunscrever o estudo do objeto, grupo de homens e mulheres que compunham o Samba de Véio, às representações étnicas operadas por estes.

As visitas e entrevistas iniciais, contudo, demonstraram que os moradores da Ilha do Massangano não tinham uma afirmação quanto à sua identidade étnica. As narrativas sobre a origem da ilha eram vagas, os discursos variavam entre a origem indígena e africana. Alguns

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo em Múltiplos Meios na Universidade do Estado da Bahia campus III (Juazeiro). E-mail: naiara124@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia campus Alagoinhas. Linha 3 – Narrativas, Testemunhos e Modos de Vida. Orientada do Prof. Dr. Arivaldo Lima. Bolsista Fapesb. querciaoliveira@gmail.com

moradores mais velhos relataram que seus pais ou avós não falavam sobre quem foram os primeiros a chegar à ilha, outros diziam que não sabiam, não lembravam. Desta forma, obtivemos uma série de falas que evidenciaram que o pouco que se sabe sobre a formação da Ilha do Massangano é, ainda, silenciado.

A partir da avaliação das primeiras entrevistas, da investigação para compreender como era o Samba do Massangano e das discussões com o orientador Paulo Soares, chegamos ao entendimento de que o Samba que acontecia dentro e fora da ilha poderia ser o foco principal do videodocumentário, uma vez que as variações dessa manifestação “na Ilha” e “da Ilha” nos inquietaram e se mostraram um aspecto interessante a ser conhecido por um público maior, além de apresentarem elementos visuais e sonoros que ficariam bem dispostos na modalidade de produto experimental escolhido.

Estava construído o objeto e definido o produto experimental. Uma câmera na mão, algumas problemáticas e hipóteses na cabeça, faltava-nos a técnica do escrever com imagens.

Era necessário conhecer a ilha e delimitar os elementos constitutivos das manifestações culturais Samba e Samba de Véio que atuam como mediadores das relações sociais e comunicativas na/da ilha. Assim, prosseguimos o percurso escolhendo músicas, personagens e histórias que comporiam o videodocumentário e construiriam a narrativa.

### *Percebendo as diferenças– REVISANDO A LITERATURA*

Quando formulado o projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) **que teria como produto o vídeo**, o Samba de Véio era entendido como manifestação única que se dava dentro e fora da comunidade do Massangano. Desta forma, acampamos na Ilha durante o mês de Janeiro do ano de 2010, a fim de acompanhar as saídas do Reisado e as apresentações do Samba de Véio, que acreditávamos serem realizadas a cada casa visitada.

A convivência com os moradores e o acompanhamento do Reisado, contudo, nos fez perceber a existência de três manifestações específicas: o Reisado; o Samba, momento profano do Reisado; e o Samba Véio, produto cultural originado do Samba.

Segundo Eloísa Brantes (2007), o *Reisado* – uma referência ao episódio bíblico no qual os três Reis Magos, guiados pela estrela de Belém, visitam o menino Jesus – foi trazida nos porões dos navios portugueses e inserida no contexto do catolicismo popular do Brasil. Assim, a partir do dia 25 de dezembro, os cortejos dos Festejos de Reis das mais diversas regiões do Brasil visitam as casas de suas comunidades, abençoando-as com cantos sagrados. Após o ritual religioso, é realizada a comemoração ‘profana’, ritmada pelos batuques comuns

a cada comunidade e regada à bebida e comida ofertadas pelo dono da casa (BRANTES, 2007).

Na Ilha do Massangano, o cortejo do Reisado é acompanhado pelo “Samba”. Composto por tamborete, pandeiro, cantadores e, casualmente, triângulo e atabaque. O Samba dá ritmo ao canto religioso dos moradores da Ilha do Massangano e seus visitantes que pedem, ‘ao dono da casa’, para que abra a porta e receba a visita dos reis, portadores das notícias do nascimento de Jesus:

[...] Viemos cantar o reis, viemos cantar o reis  
Com a luz de quem te adora, com a luz de quem te adora  
Quem quiser saber quem é, quem quiser saber quem é  
Abra a porta e saia fora, abra a porta e saia fora  
Porta aberta, sala franca; porta aberta, sala franca  
Recebei com alegria, recebei com alegria  
É com a Virgem Maria, é com a Virgem Maria  
Recebei seu bento filho, recebei seu bento filho  
Oh! Me abra a porta, ô Sinhá ê!  
Que eu quero entrar, ô Sinhá ê!  
Eu venho da rua, ô Sinhá ê!  
Quero vadiar, ô Sinhá ê!  
(música de domínio popular, cantada no Reisado do Massangano)

Porta aberta, é findada a cerimônia religiosa. A festa, contudo, está apenas começando. Com o pedido dos anfitriões, é feita, na sala, quintal ou terreiro da casa visitada, uma roda de samba. Acompanhados pelas palmas e cantos, os ritmistas embalam a dança até que: se acabe a bebida ofertada; os dançadores exaustos peçam para ‘se retirar’; ou a meta de visita diária se imponha.

Na última década, entretanto, a Ilha do Massangano e seus moradores ganharam grande visibilidade ao levarem a todo o país, com realização de shows em festas e comemorações populares<sup>3</sup>, gravação de CDs e aprovação do projeto de Ponto de Cultura<sup>4</sup>, o produto cultural intitulado de “Samba de Véio”, manifestação originada do ‘Samba’, momento ‘profano’ realizado após a cerimônia religiosa do Reisado do Massangano, acima descrito. Organizado pela Associação Cultural Josefa Isabel dos Santos, o Samba de Véio é composto por 40 cantadores, dançarinos e tocadores, e 10 coordenadores.

Essas diferenças eram fundamentais para compreender a experiência da comunidade da Ilha do Massangano com o Samba, realizado tanto dentro como fora da Ilha.

---

<sup>3</sup> A exemplo da abertura do carnaval em Olinda (2010), Encerramento do Encontro Regional de Comunicação em Juazeiro (2008) e Festa da Lavadeira em Recife (anual).

<sup>4</sup> Ponto de Cultura é um programa do Governo Federal que visa a fomentar a produção cultural das comunidades tradicionais.

Tendo em vista as dificuldades em acessar os discursos acerca do pertencimento e representações étnicas, tomamos essas diferenças como problemática da pesquisa e fio condutor para o enredo do videodocumentário.

O entendimento da construção da identificação realizada a partir do movimento “para dentro” e “para fora”, utilizado neste trabalho, advém das contribuições de Tomaz Tadeu Silva (2000) quando explicita a construção da identidade como processo que se inicia com a distinção da alteridade, em outras palavras, da afirmação do que não se é. Seguindo o movimento de diferenciação, teremos o de singularização, o que se é. Assim, a identidade não pode ser entendida como algo fixo, estável, coerente, unificada, permanente ou homogêneo. É sim relacional. (SILVA, 2000).

Este flutuar entre a cultura popular e a cultura de massa, metaforicamente, para dentro e para fora, leva-nos ao campo da Folkcomunicação. Proposta pelo pesquisador brasileiro Luiz Beltrão, a Folkcomunicação, campo cujo objeto de estudo é a fronteira entre o folclórico, aludindo-se à cultura popular e sua manutenção, e a cultura de massa, tem como princípios os “[...] processos que os homens criam e estabelecem para se comunicar, para transmitir seus valores, suas referências, seus sentimentos e seus conhecimentos.” (SCHIMDT, 2006, p. 9).

Desta forma, durante as percepções e análises elaboradas no percurso deste projeto experimental, foram levadas em consideração as definições feitas por Geertz (1989), quando discute Cultura como uma rede de significações, a partir da qual as práticas, costumes e ações de determinados indivíduos, ou grupos sociais, podem ser entendidas ou explicadas.

Não obstante, a Cultura Popular é entendida como aquela na qual as significações que impulsionam as práticas coletivas de determinada comunidade, mantendo-se em contato, ou não, com a cultura massificada, mantêm o ritmo natural de configuração e reconfiguração de suas premissas organizacionais e performativas básicas.

Ideologicamente, as culturas populares ganham contorno de resistência aos ímpetos de higienização, homogenização e espetacularização da cultura massificada. Evidenciando as diversidades materiais e simbólicas existentes no seio da sociedade.

## *METODOLOGIA*

Dividido em três etapas, o processo de elaboração e finalização deste vídeo-documentário pode ser entendido da seguinte forma:

1. Pesquisa: na qual nos aproximamos e participamos do cotidiano da comunidade e realizamos entrevistas preliminares, nas quais foram mapeadas as possíveis respostas à

nossa problemática e construído o roteiro de captação de imagens e depoimentos. Nesta etapa, foram realizadas as gravações do Reisado que acontecem durante o mês de janeiro.

2. Gravação: com roteiro definido, voltamos à Ilha para realizar entrevistas semiestruturadas e filmar as festas da comunidade e apresentações do Samba de Véio.
3. Edição: decupagens, inserção dos tempos das falas no roteiro, cortes, montagens e finalizações compõem a última etapa de elaboração do documentário, a edição.

Na captação das imagens foram utilizadas duas filmadoras (a Samsung SMX-C10GN com cartão de memória de 4 GB e a HDD Sony Handycam DCR-SR47 60 GB ). Nenhuma dessas possui entrada para microfone, o que gerou entrevistas com som ambiente (ruídos na gravação de motor de barco, pássaros, galos, vento e conversas paralelas). Ora elementos para compor o ambiente dos ilhéus, ora sonora de difícil compreensão.

As câmeras fotográficas Olympus X-840 e Sony DSLR A-200 nos possibilitou salvar momentos em que as filmadoras apresentavam algum problema e, ainda, trabalhar com mais uma linguagem, a fotografia, uma das modalidades da nossa contrapartida: a realização de oficinas em novembro e dezembro de 2010 na Ilha do Massangano, através do projeto de extensão *Em Imagem*, financiado pela Universidade de Pernambuco (UPE) em parceria com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a Escola Santo Antonio.

Para a realização da pesquisa, foram utilizados métodos etnográficos para aproximação da comunidade; entrevistas abertas, para coletas preliminares de informação e entrevistas semiabertas na etapa de gravação roteirizada.

Oriunda das ciências antropológicas, a Etnografia visa à observação e descrição densa de determinada cultura a partir do intenso contato com esta, tendo no seu bojo as pretensões de reflexão do homem (pesquisador) sobre o outro (objeto/sujeito), suas práticas e seus costumes.

Para sua aplicação nesta pesquisa, foram utilizadas as discussões feitas por Geertz (1997), em especial quando nos fala da postura do pesquisador, nos trazendo indicativos para a observação participante e a composição do caderno de campo, elementos fundamentais nesta pesquisa.

Assim, acompanhar os ‘cortejos’ realizados em janeiro, Reisado, e em maio, saída da Bandeira de Santo Antônio, mesmo que com câmeras e filmadoras na mão, nos aproximaram da comunidade, funcionando como a ‘nossa brigada de galos balineses’ (GEERTZ, 1989).

Presentes nas etapas de pesquisa e gravação, as entrevistas foram utilizadas em duas modalidades, a aberta e a semiaberta. Num primeiro momento, a partir das hipóteses acerca da

Ilha, de seus moradores e de suas manifestações, foram realizadas entrevistas abertas, cuja flexibilidade e caráter exploratório nos possibilitou conhecer a comunidade, confirmando e refutando nossas hipóteses.

A partir das entrevistas abertas, como nos fala Duarte (2006, p. 65), foi possível a elaboração do roteiro e questionários que guiariam as entrevistas da etapa seguinte.

Tendo-se em vista nosso produto final, um videodocumentário, precisávamos de respostas acerca do tema tratado e espontaneidade dos entrevistados. Assim, optamos pela entrevista semi-aberta, que “[...] conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle” (DUARTE, 2006, p. 66), podendo-se, ainda, adaptá-lo e alterá-lo do decorrer das entrevistas (DUARTE, 2006).

Tendo gravado todo o processo de pesquisa, durante o qual imagens e entrevistas foram feitas sem roteiro prévio, utilizamos também a técnica de tratamento das imagens, transcrevendo-as, decupando-as e encaixando-as no roteiro de edição.

## *O PERCURSO*

### *1. PESQUISA*

Objeto de pesquisa de iniciação científica e trabalho de conclusão de curso de Quercia Oliveira em outra universidade, a comunidade do Massangano e suas manifestações eram estudadas desde o ano de 2009. No mês de janeiro, quando acontece o Reisado, o processo de aproximação e conversação com a comunidade foi iniciado. Os longos caminhos noturnos traziam as histórias do passado e a boa recepção dos velhos. As rodas de Samba após a cantoria em cada casa nos rendiam escuras, mas boas imagens. A opção por não utilizar flash nos privou de muitos detalhes, mas tornou nossas lentes menos incômodas aos participantes do Reis.

O primeiro contato de Naiara Soares com a comunidade se deu no mês de abril de 2010. Conhecer os caminhos de ida e volta, as estradas, cotidiano e receptividade da comunidade, informações necessárias no planejamento da atuação no campo, eram os objetivos da visita.

Afora as idas individuais à Ilha do Massangano, fizemos nossa primeira visita de campo para realização deste documentário no dia 14 de maio de 2010. A Ilha, contudo, é uma caixinha festiva de surpresas e fomos informados de que no dia 18 do mesmo mês aconteceria “a saída da bandeira de Santo Antônio”, padroeiro da comunidade.

Máquinas filmadoras, fotográficas, gravadores, computadores e caderno de campo à mão, era hora de expressar a toda a comunidade nosso desejo de construção de um documentário.

Máquina filmadora em punho, era necessário, também, começar a identificar os possíveis personagens do vídeo.

Iniciava-se, desta forma, nossa migração pendular. Cada espaço na atribulada agenda, final de semana, feriado ou festividade na comunidade da Ilha do Massangano e lá estavam “as meninas da filmagem”, como ficamos conhecidas na comunidade. Da casa de D. Amélia, gentilmente oferecida, fizemos nossa base de produção, ocupando periodicamente um quarto e todas as tomadas da casa. De fato, um lugar para recarregarmos nossas baterias.

Assim pudemos acompanhar as novenas a Santo Antônio; a festa de Santo Antônio; as visitas de turistas ávidos por compreender a comunidade e o Samba de Véio; as tardes de *Domingo na Ilha*, evento promovido pelo SESC; e, por fim, a tristeza da comunidade com a morte de um de seus moradores, Seu Claro Ângelo.

### *1.1. OS DESCAMINHOS DA MORTE*

Aldeia do Velho Chico (evento cultural promovido pelo SESC). A Associação do Samba de Véio se prepara para a apresentação no show de abertura do evento. As pesquisadoras, em Juazeiro-BA, se preparavam para acompanhar e filmar, com autorização já dada pela Associação, todo percurso, arrumação e subida ao palco do Samba de Véio.

Na noite anterior a nossa visita, contudo, uma ligação alterou nossos planos. Com o falecimento repentino de Seu Claro, parente de vários componentes e pai das vocalistas do Samba de Véio, a participação no Aldeia foi cancelada. Nosso planos de capturar imagens e entrevistas que seriam utilizadas como guias do enredo do vídeo foram impossibilitados.

Era hora de começar tudo de novo, redefinir roteiro e vislumbrar o vídeo sem alguns dos personagens que, muito abalados com a morte de Seu Claro, não se dispuseram a dar entrevista em tempo hábil para edição e finalização do vídeo.

## *2. ENTREVISTAS – O AMADURECIMENTO PROFISSIONAL*

As entrevistas para realização deste vídeo estão compreendidas em duas etapas: na pesquisa, em que utilizamos a modalidade de entrevistas abertas, e na gravação, na qual foram feitas entrevistas semiabertas. A maioria delas, contudo, foram filmadas.

Assim, revisamos o caminho até então percorrido, redefinimos metas, reobjetivamos resultados e construímos um formulário de perguntas. Em campo, adotamos, também, uma

nova atitude. Tentando marcar antecipadamente nossas visitas, preparávamos o entrevistado para que se sentisse à vontade com o conjunto câmera-perguntas.

Por conseguinte, desenvolvemos, ao revisar o percurso por ora traçado, habilidades e segurança no tocante à realização de filmagens e entrevistas. Na reta final, as solicitações aos entrevistados para mudança de ambiente por conta da iluminação, ou presença de ruídos e a ousadia em subir ao palco para captura de melhores imagens são exemplos do amadurecimento profissional conseguido no processo de construção de um Trabalho de Conclusão de Curso.

### *3. MONTANDO O QUEBRA-CABEÇA – ESCRREVENDO O ROTEIRO DE EDIÇÃO*

Com todas as etapas da pesquisa e realização de entrevistas filmadas, tínhamos muitas imagens e depoimentos para rever, analisar e definir quais estariam, ou não, no vídeo. Assim, a pré-etapa da edição nos trouxe muitas dúvidas e, conseqüentemente, aprendizagem.

Ansiosas por não perder nenhuma possível boa imagem, filmamos tudo e demais. O trabalho para rever as primeiras imagens nos levou a, em um segundo momento de filmagem, definir o que realmente queríamos e com quem, pois antes entrevistávamos diversas pessoas da comunidade do Massangano, a diretora da escola, os idosos, os barqueiros.

Definido que queríamos explicar as diferenças do Samba realizado dentro e fora da Ilha do Massangano, passamos a entrevistar somente moradores que participavam do Samba do Reisado e do que se apresenta fora e viaja, assim como passamos a identificar pessoas que tinham mais tranquilidade em falar na presença da filmadora e passar para elas algumas perguntas que faríamos antes de gravar a entrevista.

Assim sendo, as últimas filmagens realizadas, por sua objetividade, foram utilizadas como guia do enredo a ser construído. A essas se somaram imagens do cotidiano dos eventos e das primeiras entrevistas realizadas, e ainda imagens feitas pelo cinegrafista Jerminson Pereira, que contratamos para cobrir a apresentação do Samba de Véio dia 13 de junho de 2010, festa de Santo Antônio, uma vez que o evento ocorreu à noite e não possuíamos equipamento de iluminação e filmadora que resultasse em boas imagens.

### *4. CORTANDO: A EDIÇÃO*

Conturbada, a edição foi, de fato, nossa maior dificuldade durante a realização do vídeo. Foi, contudo, um dos momentos de maior aprendizagem. Sem conhecimento técnico do



processo, perdemos muito tempo na conversão infrutífera de vídeos, importações, renderizações e exportações que nunca foram utilizadas.

Contratar um editor, por sua vez, também não é uma tarefa fácil. Sempre ocupados, eles marcam e desmarcam o início do começo da edição; por vezes somem após o início do trabalho e outras vezes apressam-se ao final, não tendo cuidado com as finalizações.

Tendo passado por todos os infortúnios citados acima, a edição começou nos parecer um tormento sem fim. Assistir à primeira versão do documentário, então, nos fez pensar que tudo estava perdido. O cansaço acumulado com o processo, o tempo chegando ao fim. Era hora do tudo, ou nada!

Decidimos continuar a caminhada, aproveitando tudo que tínhamos visto nas longas tentativas de edição, começamos cortar e redefinir o vídeo. Assim, constatamos que tínhamos aprendido muito de edição. O programa, antes estranho, nos parecia possível de manusear.

Grosseiros, nossos cortes necessitaram, ainda, da finalização de um profissional. Demonstraram-nos, contudo, o quanto havíamos apreendido no processo e quais habilidades ainda podem ser desenvolvidas e lapidadas na área da Comunicação Social.

### *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

Percalços, insistências, mudanças de caminhos, recomeços e resignação são palavras que definem o processo de construção deste vídeo. Superação, aprendizagem, crescimento e amadurecimento pessoal e profissional também.

Construir um vídeo, quando se tinha pouca familiaridade com a linguagem audiovisual; descobrir e respeitar o limite do outro, seja ele o objeto/sujeito da pesquisa, ou companheiros de investigação; cooperar e trabalhar em grupo, foram verbos tão flexionados que já fazem parte de nossos vocabulários.

Desta forma, podemos, com satisfação, afirmar que a produção do vídeo *O Samba: na ilha, da ilha*, enquanto Trabalho de Conclusão de Curso atingiu seu objetivo, nos possibilitando o amadurecimento das práticas profissionais e conhecimentos específicos da área de comunicação acumulados durante os anos de graduação.

### *REFERÊNCIAS*

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira**: sentidos do festejar no país que "não é sério". Disponível em <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>> . Acesso em: 10 mar. 2010.

- AQUINO, Antonise Coelho de. **Ilha do Massangano**: dimensões do modo de vida de um povo; a (re)construção do modo de vida e as representações sociais da Ilha do Massangano no Vale do São Francisco. Recife: a autora, 2004.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- BERNADET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. 2. ed. Campinas-SP: Papirus, 1989.
- BRANTES, Eloísa. **A espetacularidade da performance ritual no Reisado do Mulungu (Chapada Diamantina - Bahia)**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v27n1/a02v27n1.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2010
- BURKE, Peter. **Variiedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. São Paulo/Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- FREIRE, Marcius. Gregory Bateson, Margaret Mead e o caráter balinês: Notas sobre os procedimentos de observação fotográfica em Balinese Character. **Revista de Comunicação, Cultura e Política**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 60-72, Jul-Dez/2006.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989.
- \_\_\_\_\_. **O saber Local**: Novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Mello Joscelyne. São Paulo: Vozes, 1997.
- GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. Katálysis**, Santa Catarina, v.10, p. 83-92, 2007.
- HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. Etnografia da performance musical: identidade, alteridade e transformação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, UFRGS, p. 155-184, 2005.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MOREIRA, Elisabet Gonçalves. **Samba de Véio da Ilha do Massangano em Petrolina, PE: no ritmo do espetáculo**. Disponível em: <[http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/micro\\_343\\_-\\_samba\\_de\\_veio.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/micro_343_-_samba_de_veio.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2010.
- OLIVEIRA, Quercia. **Trajetórias no Massangano**: dos festejos de Reis ao Samba de Véio. Petrolina: a autora, 2010.
- SCHMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na arena global**: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (Org). **Documentário no Brasil: tradição e transformação**. São Paulo: Summus, 2004.